

A língua portuguesa falada em Salto del Guairá – Paraguai

Tatiane Lima de Paiva – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a. Ms. Valeska Gracioso Carlos - Universidade Estadual de Ponta Grossa

1. Introdução

O presente trabalho foi realizado na cidade de Salto del Guairá – Paraguai que está localizada em uma região de fronteira entre Brasil e Paraguai, fazendo limite com Guaíra – Paraná e Novo Mundo – Mato Grosso do Sul. Comumente, em regiões fronteiriças internacionais, os habitantes têm contato direto tanto com a língua quanto com a cultura de cada país. Através deste intercâmbio não se aprendem apenas palavras, mas sim, identidades culturais, e é inevitável que estas atravessem e se insiram umas nas outras, formando uma identidade cultural própria destas regiões. De acordo com Chamorro

(...) el lenguaje no es sólo un instrumento de comunicación interpersonal. Es además un medio de representación del mundo socialmente compartido y comunicable, en consecuencia, está estrechamente vinculado al pensamiento y en particular, al conocimiento, mediante operaciones cognitivas. Aprender un lenguaje es aprender un mundo de significados vinculados con un mundo de significantes. (Chamorro, 2008, p.7)

O mundo atual, e a globalização nos exigem que estejamos preparados para nos comunicarmos em diferentes línguas. Desta forma, para se estabelecer uma comunicação entre residentes das cidades localizadas em regiões de fronteiras é necessário um mínimo conhecimento das principais línguas utilizadas nos respectivos países. Chamorro afirma que

el lenguaje, según los sicólogos, une y divide a la humanidad. En algunas sociedades es común el aprendizaje de una segunda, tercera, cuarta y hasta quinta o sexta lengua, en tanto que en otras sociedades, la adquisición de una segunda lengua resulta más difícil. (Chamorro, 2008, p.8)

A dificuldade de adquirir uma segunda língua existe porque os indivíduos que pertencem a tal sociedade não foram estimulados para o aprendizado de outras línguas e nem sentiram necessidade de buscar aprendê-las. Isso é o que ocorre no Brasil, geralmente quem consegue estudar uma segunda língua são as pessoas com maior poder aquisitivo. São elas que sentem necessidade de aprender outros

idiomas e podem pagar por isso, entretanto, a população que está entre a classe média baixa e baixa depende geralmente do ensino de línguas estrangeiras, muitas vezes ofertado pelo sistema público.

Porém, independente de classe social, nos últimos anos a busca por uma segunda e/ou terceira língua vem crescendo cada vez mais. Em Salto del Guairá, por exemplo, os habitantes falam naturalmente duas línguas, como afirma Antunes,

(...) la gente de ese país [Paraguay] trae desde su remoto pasado de colonia hasta los días actuales una sutil superioridad frente otros pueblos cuando el tema es la comunicación; la ventaja de que entre sus pares logran comunicarse simultáneamente en dos idiomas, es decir, son capaces de mantener conversación en castellano/guaraní o guaraní/castellano como quien respira. (Antunes, 2009, p. 2)

E essa “sutil superioridade” é ainda maior em Salto del Guairá, onde mais de 50% dos habitantes além de falar estes dois idiomas também sabem falar português. Nesse caso, podemos afirmar que na região estudada o português é usado como terceira língua. Conseguimos essa confirmação através da aplicação do questionário, no qual pudemos perceber que os habitantes de Salto del Guairá conseguem, sem problema algum, comunicar-se com os brasileiros que vão até esta cidade para fazer compras.

Pelos fatos apresentados até o momento é que escolhemos esta cidade para realizar a aplicação do questionário, pois, Faulstich afirma que, “o português e o espanhol, em região de fronteiras, sofrem interferências que resultam ou podem resultar em um falar “próprio”, uma interlíngua resultante da entrada de estruturas de uma língua na outra” (Faulstich, 1997, p.6). Porém se os falantes de tais regiões aprendessem os diferentes idiomas desde as séries iniciais (praticando as quatro habilidades) e mantivessem contato com os falantes da língua meta (muito comum nas regiões de fronteiras), a realidade apontada por Faulstich seria menos recorrente.

Sedycias (2005) no livro “O ensino de espanhol no Brasil” aborda dez razões às quais os brasileiros devem aprender espanhol, entre elas há uma em que o autor cita a importância do MERCOSUL, em sendo o espanhol como língua oficial dos países participantes deste grupo (República Argentina, República do Paraguai, República Oriental do Uruguai e República Federativa do Brasil). Ainda segundo o autor: “se quisermos comprar algo dos nossos vizinhos sul-americanos, poderemos certamente usar o português. Porém, se quisermos que eles comprem os nossos

produtos, teremos que falar a língua deles” (Sedycias, 2005). No entanto, isto não ocorre no lado brasileiro da região de fronteira que está sendo estudada. Já do outro lado da fronteira, os residentes sabem o quanto é importante falar a língua dos “fregueses” e não se incomodam de falar em português com os brasileiros, principalmente no comércio, porém afirmam que quando vêm ao Brasil é raro encontrar alguém que lhes dê um atendimento em espanhol. Essa afirmação nos leva a refletir sobre a necessidade do ensino adequado da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola em escolas públicas de regiões como a que abordamos. Por que não ensinar adequadamente as línguas presentes, e informalmente inseridas nessas regiões, aos seus próprios habitantes, os quais realmente necessitam e fazem maior uso delas?

2. METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se em dados coletados por meio de uma pesquisa qualitativa de campo. Para a coleta dos dados analisados foi utilizado um questionário semi-direcionado, aplicado na cidade de Salto del Guairá, com habitantes nativos da região. , os quais relae inseridas,ntes, As perguntas foram preparadas previamente de acordo com o meio sócio cultural dos entrevistados, e, com a permissão dos mesmos, as respostas foram gravadas para análise de dados. Em relação à forma de obtenção dos dados, optou-se por entrevistar:

a) Homens na faixa etária de 18 a 30 anos de idade, e de 31 a 70 anos de idade. Em relação ao grau de escolaridade, foi proposta a aplicação de um questionário a pessoas que obtiveram apenas o Ensino Fundamental, e outro a pessoas que obtiveram o Ensino Médio;

b) Mulheres na faixa etária de 18 a 30 anos de idade, e de 31 a 70 anos de idade. Em relação ao grau de escolaridade, foi proposta a aplicação de um questionário a pessoas que obtiveram apenas o Ensino Fundamental, e outro a pessoas que obtiveram o Ensino Médio.

Para a análise de dados pretendia-se totalizar oito entrevistados válidos, conforme podemos confirmar na tabela abaixo, porém, não conseguimos uma mulher na faixa etária de 30 a 70 anos com o Ensino Fundamental, isso fez com que o número de informantes diminuísse de oito para sete.

Para a tabulação dos dados dos informantes usamos o modelo proposto por Carlos (2008), “trataremos as informantes mulheres por letra M e os homens por letra H. Os números correspondem a faixa etária, sendo o número 1 para 18 a 30 anos, e 2 para 31 a 70.” E as abreviações EF e EM correspondem ao grau de escolaridade.

3. Análise de interferência

Com essa análise percebemos que cinco dos sete entrevistados tiveram algum tipo de influência lexical da Língua Espanhola no português falado. Em um primeiro momento acreditamos que a Língua Guarani também poderia influenciar nossos informantes quando falassem nosso idioma. No entanto, através dos dados obtidos pudemos constatar que a Língua Portuguesa falada por eles não sofre nenhum tipo de interferência lexical. Com relação à influência lexical do espanhol, alguns tiveram um número menor e outros um número maior de interferências, mas o que realmente deve ser levado em conta é a tentativa dos falantes de estabelecer comunicação com os turistas/compristas que vão até Salto del Guairá. Um dos motivos de haver tais interferências é de que os habitantes da cidade não têm a preocupação de falar todas as palavras corretamente, pois, uma vez que não utilizam a Língua Portuguesa para ensinar, não têm a preocupação de utilizar somente e perfeitamente o léxico da Língua Portuguesa, ficando, desta maneira, mais livres para se comunicarem. Outro ponto é que mesmo as palavras sendo distintas, elas são facilmente compreendidas (neste contexto sociocultural, levando-se em conta a região de fronteira e o tipo de diálogo a ser estabelecido pelos falantes, nesse caso, mais voltado para o comércio) pelos brasileiros que não têm tanto contato com a Língua Espanhola, mas acreditamos que há exceções, pois observamos que nem todas as palavras pronunciadas são de fácil compreensão. Para entender algumas palavras seria necessário estar em um nível intermediário de aprendizado da Língua Espanhola. A palavra “asignatura” é um bom exemplo, ela foi dita por um de nossos informantes na entrevista, se fosse alguém com um nível básico de conhecimento na Língua Espanhola ou alguém que desconhecesse o “fronteirizo” ou “portunhol” não iria compreender o que a informante estava dizendo.

Gostaríamos de ressaltar que esse mesmo questionário foi utilizado para nossa pesquisa de iniciação científica, na qual abordamos as concepções, opiniões e

atitudes dos saltoguairenses com relação aos brasileiros e às línguas faladas na fronteira.

Desta forma, aproveitaremos as mesmas respostas das questões utilizadas para a pesquisa citada acima nessa análise de interferência lexical e, transcreveremos as respostas dos informantes com os erros cometidos por eles. Ressaltamos aqui que as respostas foram obtidas de forma oral e, portanto analisamos apenas a interferência lexical presente na oralidade. Como não fizemos nenhum tipo de coleta de dados escritos com os informantes não sabemos se eles têm competência escrita e/ou como seria o português escrito dos mesmos.

Como a análise de interferência lexical é muito ampla, se for tratada na íntegra neste artigo desrespeitará as normas para a publicação. Dessa maneira dispomos apenas um pequeno exemplo do nosso trabalho, analisamos a interferência lexical que dois informantes tiveram na primeira pergunta:

5.1 Como você aprendeu português?

Na primeira pergunta quatro entrevistados tiveram interferências lexicais do espanhol no português falado. A informante M1EM respondeu:

...*”eu veía a televisão”...*

A influência surge quando ela conjuga o verbo “ver” na primeira pessoa do singular no pretérito imperfeito do espanhol: “veía”. Enquanto que em português a primeira pessoa do singular no pretérito imperfeito é conjugada como “via”.

A habitante M2EM contestou:

*“Bueno... quando eu cheguei nessa **ciudade** noventa e nove por cento de meus **alumnos** eram **brasileños** então eu não entendia **ni** o que eles falavam... **ni** eles entendiam o que eu falava”...*

Neste caso as palavras que derivam do espanhol são: bueno, ciudade, alumnos, brasileños e ni. O vocábulo “ciudade” demonstra que a influência sofrida foi também uma tentativa de pronúncia correta da palavra “cidade”, pois ao mesmo tempo em que ela pronuncia a vogal “u”, também pronuncia a vogal “e” inexistente na palavra espanhola “ciudad” e presente na palavra original do português “cidade”. Já os substantivos “alumnos” e “brasileños” são distintos na forma lexical, no Brasil dizemos “alunos” e “brasileiros”. A última interferência observada no discurso da falante nesta questão foi relacionada à conjunção coordenativa aditiva “ni”, “nem”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho foi possível analisar o desenvolvimento da interlíngua na região proposta, e, através das entrevistas entendemos que há necessidade do ensino da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola em escolas públicas e/ou particulares nas regiões de fronteira entre Brasil/Paraguai, e não é porque os habitantes não sabem falar português, mas sim, porque eles acreditam que um ensino adequado seria muito positivo para ambos os países.

Fizemos um cálculo para ver a incidência de interlíngua dos saltoguairenses entrevistados e, do total de palavras usadas nas respostas de todos os entrevistados, 2.903 comparadas com o total de palavras que apresentaram influências 269, chegamos a um resultado, muito positivo, de 9,1% de interferência, o que significa que mais de 90% do discurso deles foi dito somente em português, em relação aos outros 9% que eles falaram espanhol ou portunhol, possivelmente, não foram ditos em português por conta da preocupação com o conteúdo das respostas, uma vez que as perguntas foram significativas para eles. Desse modo, a preocupação maior não foi em “falar corretamente”, mas sim, em falar o que pensavam sobre o assunto. Pressupõe-se também que o fato de eles saberem que eu falava espanhol os deixou mais a vontade, porque eles sabiam que eu os entenderia de qualquer forma. Outra consideração que não podemos deixar de fazer é em relação à hipercorreção usada em algumas palavras pelos informantes, ela ocorre quando um falante tem uma preocupação muito grande em falar ou escrever corretamente e acaba se equivocando por conta disso, como nas palavras: ciudade, trabalhé, alá, nostros e precura.

Analisando individualmente as respostas dos entrevistados percebemos que a habitante que mais teve influências do espanhol no português falado foi M2EM, ela apresentou 16% de interferência em sua fala. Tal ocorrência pode ser devido ao fato de a saltoguairense ter mais de 60 anos. Podemos assomar a isto a idade com que a habitante começou a aprender a Língua Portuguesa, pois alguns estudos comprovam que após a fase de lateralização é mais difícil aprender uma língua. Já M1EF e H1EM foram os habitantes que não apresentaram nenhuma influência da Língua Espanhola nas respostas das perguntas pertencentes a primeira faixa etária, provavelmente aprenderam português desde crianças e/ou tiveram um contato maior com falantes da Língua Portuguesa. Acreditamos que estes fatores são relevantes para o aprendizado de uma segunda ou terceira língua. Para pessoas que nunca tiveram um ensino formal de determinada língua e que aprenderam através do

contato com brasileiros, convivendo ao mesmo tempo com outras duas línguas, esse resultado é muito significativo.

É válido lembrar que a relação comercial estabelecida entre brasileiros e paraguaios é recente, pois, a ponte que liga os estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, foi inaugurada em janeiro de 1998, ou seja, ela existe há apenas 12 anos. A construção da ponte favoreceu muito a cidade de Salto del Guairá. Muitas pessoas preferem ir até esta cidade em vez de Ciudad del Leste, pois, ela é menos conturbada, para alguns mais acessível, tem os mesmos produtos e o preço é praticamente o mesmo. Com o fortalecimento comercial de Salto, Ciudad del Este deixou de ser a única cidade com um comércio intenso. E quanto mais brasileiros comprando em Salto, maior é o contato com a Língua Portuguesa e mais fácil é o aprendizado da mesma. Deste modo, percebemos que informantes com menor faixa etária tiveram menos dificuldade que os da faixa etária maior, isso se deve pelo maior contato que eles têm com os brasileiros. Esta relação favorece os mais novos porque provavelmente aprenderam o português desde crianças, e possivelmente esse processo de aprendizagem foi tão natural quanto as outras duas línguas oficiais do Paraguai.

Embora os habitantes de Salto del Guairá sofram poucas interferências do espanhol no português falado, ainda é preciso pensar no futuro, nas crianças que estão crescendo e que também virão a ser falantes do nosso idioma. Desta forma, precisamos refletir sobre as melhoras que podem ser feitas, pois, não é porque temos um dado positivo que não vamos buscar soluções para o bom desenvolvimento e enriquecimento dessas regiões.

É importante ressaltar que não observamos nenhuma influência lexical do guarani no português falado pelos saltoguairenses, acreditamos que isso ocorre por conta da distância que há entre a Língua Guarani e a Língua Portuguesa. Como foi dito por alguns informantes, a Língua Guarani é mais usada quando os falantes estão com familiares e amigos, comumente quando estão em casa, no comércio a língua mais usada é o português.

Percebemos quanto e como o Português e o Espanhol fazem parte da cultura da região fronteiriça analisada. Principalmente o Português como um dos principais instrumentos comerciais aos *saltoguairenses*. Porém, até então, não se observa suficiente incentivo político-social nessa região para ajudar na disseminação das duas línguas, tanto na fronteira do Brasil, como na fronteira do Paraguai. Se os

habitantes querem aprender uma língua de um modo mais formal, escolarizado, e acham que seria muito importante para eles, como aponta a pesquisa, poderia ser ofertado um ensino multilíngue nas regiões fronteiriças desde os anos escolares iniciais.

Averiguamos que o fato de os habitantes de Salto del Guairá entenderem e falarem o Português os ajuda muito, pois devido a grande movimentação no comércio por conta dos turistas brasileiros os nossos vizinhos paraguaios se esforçam para atender e entender os compradores brasileiros nesse idioma, o que ajuda os vendedores a conquistarem os clientes, pois é muito mais fácil uma pessoa confiar em quem fala o seu próprio idioma do que confiar em alguém cujo o idioma não é compreensível nem da parte do cliente, nem da parte do vendedor, uma vez que aí a interlocução não é estabelecida. Constatamos que em âmbito geral os saltoguairenses gostam da nossa língua, como também vimos que gostariam que nós aprendêssemos uma das duas línguas maternas deles, o espanhol.

Foi prazeroso poder ouvir a opinião de estrangeiros sobre a nossa língua, e descobrir que eles também a valoram, a usam e a admiram.

Referências

ANTUNES, W. G. R. (2009): Un ensayo sobre la presencia del guaraní en el castellano asunceño. In: *Congreso Internacional de Educação de Ponta Grossa*, 1. 2009, Ponta Grossa. *Anais I Congresso Internacional de Educação de Ponta Grossa*. Ponta Grossa, ISAPG, 1 CD-ROM.

CARLOS, V. G. (2008): Atitudes linguísticas na fronteira de Guaíra – PR. In: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 5. 2008, Belo Horizonte. *Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas e I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas*. Belo Horizonte, 1 CD-ROM.

CHAMORRO, I. D. U. (2008): *Sociolingüística*. 1. ed. Assunção: Vazpi, p. 50.

Faulstich, E. (1997): O portunhol é uma interlíngua?. Em: *Séries Reflexões*.

Disponível em: <<http://vsites.unb.br/il/liv/enilde/documentos/interlingua.pdf>>. Acesso em 10 de jun. 2010.

HENRIQUES, E. R. (2005): Distância entre línguas e o processo de apredizagem/aquisição. Org. SEDYCIAS, João. *O ensino do espanhol no Brasil, passado, presente, futuro*. São Paulo: Ed. Párabola.

GOIRIS, F.A.J. (1999): *Descubriendo La Frontera: Historia, Sociedad y Política en Pedro Juan Caballero*. 1. ed. Ponta Grossa: Ed. Inpag.

MARRONE, C. de S. (2005): *Português Español Aspectos Comparativos*. 2. ed. Campinas: Ed. Pontes.

SEDYCIAS, J. organização. (2005): *O Ensino de Espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Ed. Parábola.